



Universidade de Brasília  
Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**A INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

**MARIÂNGELA CAPUCCI PARO**

**ORIENTADORA: MIRIAN BARBOSA TAVARES RAPOSO**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**MARIÂNGELA CAPUCCI PARO**

## **A INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Mirian Barbosa Tavares Raposo

BRASÍLIA/2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARIÂNGELA CAPUCCI PARO

### **A INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

MIRIAN BARBOSA TAVARES RAPOSO

NOME DA ORIENTADORA

---

NOME DO EXAMINADOR (Examinador)

MARIÂNGELA CAPUCCI PARO

-----  
NOME DO ALUNO

BRASÍLIA/2015

## DEDICATÓRIA

*“(...) Cada criança é um ser único, diferente de qualquer outra, que experimenta ritmo de evolução próprio, tem os seus interesses e provém de um universo cultural, econômico e familiar específico; cada um é um caso, uma personalidade que desabrocha de modo diverso.”*

**Joaquim Azevedo (1994)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ser a razão do meu viver e amigo de todas as horas. A ti Senhor, minha adoração e toda minha gratidão.

Aos meus pais por todo amor, dedicação, paciência, incentivo, amparo e orações.

A meu esposo por acreditar no meu potencial e não medir esforços para que meu sonho se concretizasse. Seu incentivo e apoio foram fundamentais.

A todos os professores que foram fundamentais na minha formação.

A minha orientadora, Mirian Tavares Raposo, pela dedicação e incentivo.

## RESUMO

Esse estudo teve por objetivo refletir sobre o trabalho educacional referente à deficiência intelectual, suas características, diagnóstico e estratégias de suporte pedagógico e de inclusão a fim de construir diferentes possibilidades de trabalho desenvolvido em parceria entre escola e família, como também analisar a interação do professor com o aluno com deficiência intelectual. Foi realizada uma entrevista com a professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado da rede Municipal da Cidade de Colina – SP e também foi realizado uma observação na sala de aula da professora do ensino fundamental. A entrevista e a observação foi realizada com base nos conceitos apresentados pela fundamentação teórica por meio da coleta de informações referentes ao tema proposto. Os resultados demonstram que as professoras interagem continuamente uma com a outra verificando a preocupação em compreender a importância de práticas pedagógicas acessíveis para a inclusão qualitativa dos alunos com deficiência intelectual.

**Palavras-Chave:** Deficiência Intelectual; Currículo Escolar Inclusivo; Prática Educativa.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1-PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA.....	10
1.2-O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO.....	12
1.3- CURRÍCULO ESCOLAR INCLUSIVO.....	13
1.4- PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	14
1.5-DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	15
2. OBJETIVOS.....	17
2.1- OBJETIVO GERAL.....	17
2.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
3.METODOLOGIA.....	17
3.1-CONTEXTO DA PESQUISA.....	18
3.2-PARTICIPANTES.....	18
3.3-INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	19
3.4-ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	19
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA.....	20
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa pretendeu possibilitar reflexões no que se refere à deficiência intelectual e incentivar a análise das contribuições do ambiente educacional na inclusão do aluno com essa deficiência. De acordo com Mantoan (2006), é fundamental para que ocorra a inclusão de aluno com deficiência intelectual, a interação de todos os agentes do processo educativo, de maneira que os princípios e valores que regem essa interação contribuam para a construção de um espaço acolhedor, participativo e inclusivo, valorizando o limite, os anseios e o conhecimento de cada um.

Apesar de todo avanço da legislação vigente (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Legislação Brasileira sobre pessoas com deficiência – 7ª edição, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009) em relação as pessoas com necessidades especiais na prática esbarramos na discriminação, no preconceito, no medo, na indiferença e no despreparo para lidar com esse novo desafio, ou seja, falta conscientização e sensibilização das pessoas.

De acordo com Mantoan (2003) a educação inclusiva tem por objetivo entender as diferenças, mantendo-as ativas, encorajando o seu aparecimento e expressão, enfim tornando-as presentes e utilizáveis para o processo educativo de todos os alunos.

Nesse sentido, Gomes, Borges, Santos, Trompieri, Cunha e Silva (2008) apontam a relevância de um trabalho diversificado, que venha ao encontro das demandas de cada indivíduo e alertam que a promoção de situações de aprendizagem desafiadoras que são fundamentais para o sucesso do trabalho escolar com crianças que apresentam deficiência intelectual.

Um princípio fundamental e relevante para a compreensão do desenvolvimento da pessoa com deficiência é que “qualquer deficiência origina estímulos para formação de uma compensação” (Vigotski, 1989).

A escolha do tema partiu da necessidade de ser otimista diante do cenário crítico em que a educação inclusiva se encontra e a maior motivação foi à intenção de ressaltar que a deficiência intelectual não é tema isolado, pois deve estar dentro do contexto social, a fim de verificar a importância que cada parte exerce sobre o todo.

Para Veigas (2003), a instituição escolar deve desenvolver, a partir da legislação vigente, propostas e níveis de acessibilidade capazes de viabilizar a prática de uma educação



inclusiva, partindo de níveis diferentes: currículo, gestão e metodologias. Construir uma escola inclusiva significa assumir um compromisso em se rever concepções e paradigmas em torno da educação, respeitando e valorizando a diversidade dos alunos, atendendo as suas necessidades e desenvolvendo o potencial de cada um.

Assim, a escola deve ser um local em que o respeito às diferenças prevaleça e que as crianças aprendam a conviver com realidades e princípios diferentes dos seus, propiciando situações para que o educando com deficiência intelectual possa realizar, de forma autônoma, atividades da vida diária e de vida prática desenvolvendo ações em conjunto com a família e com a comunidade. De nada adianta querer modificar a escola e implantar a inclusão de maneira adequada se não se considerarem os sujeitos envolvidos neste processo, ou seja, a família, o aluno, os professores e a comunidade.

O grande desafio das escolas regulares é proporcionar condições que favoreçam o desenvolvimento e a integração pessoal, social e profissional dos alunos com deficiência intelectual.

A educação somente poderá ser eficaz, caso ela responda às características peculiares de aprendizagem de cada aluno. (SAVIANI, 1985)

Sendo assim, esse estudo teve por objetivo refletir sobre o trabalho educacional referente a deficiência intelectual, suas características, diagnóstico e estratégias de suporte pedagógico e de inclusão a fim de construir diferentes possibilidades de trabalho desenvolvido em parceria entre escola e família.

Justificou-se a escolha desse tema, como forma de entender como se processa a inclusão de alunos com deficiência intelectual na rede regular de ensino, perante uma sociedade que precisa vencer preconceitos, rever valores e buscar novos paradigmas diante de uma educação para todos.

A ideia foi pensar em melhores condições de aprendizagem, atendimento apropriado para o desenvolvimento integral de potencialidades e habilidades na escolarização dos alunos e, principalmente, de inclusão.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo refletiremos sobre a prática educacional, o papel do professor, o currículo escolar e a participação da família no processo inclusivo, evidenciando o trabalho educacional referente à deficiência intelectual e suas características.

Para Vygotsky (1987), as pessoas com deficiência possuem, como qualquer outra pessoa, potencialidade e capacidade que podem ser desenvolvidas sob condições materiais e instrumentais adequadas. Com isso, a educação deve lhes oportunizar a apropriação da cultura histórica e socialmente construída, para melhores possibilidades de desenvolvimento.

### **1.1-PRÁTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA**

Neste capítulo trataremos da educação inclusiva como uma proposta para tornar a escola acessível, garantindo a participação de todas as pessoas.

Bueno (1999) afirma que, a inclusão considera a inserção de alunos por meio de outro ângulo, isto é, aquele que reconhece a existência de inúmeras diferenças (pessoais, linguísticas, culturais, sociais etc.). Ao reconhecê-las, mostra a necessidade de mudança do sistema educacional que, na realidade, não se encontra preparado para atender a essa clientela.

Sabe-se que a inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um (MANTOAN, 2003).

Miranda (2003) afirma que a prática educacional inclusiva não será garantida por meio de leis, decretos ou portarias que obriguem as escolas regulares a aceitarem os alunos com necessidades especiais. Ela será garantida se a escola estiver preparada para ser capaz de trabalhar com os alunos que chegam até ela, independentemente de suas diferenças ou características individuais.

Em lei, muitas conquistas foram alcançadas. Entretanto, precisamos garantir que essas conquistas, expressas nas leis, realmente possam ser efetivadas na prática do cotidiano escolar, pois o governo não tem conseguido garantir a democratização do ensino, permitindo

o acesso, a permanência e o sucesso de todos os alunos do ensino especial na escola. (MIRANDA, 2003).

De acordo com Bueno (1999)

Não podemos deixar de considerar que a implementação da educação inclusiva demanda, por um lado, ousadia e coragem, mas, por outro, prudência e sensatez, quer seja na ação educativa concreta (de acesso e permanência qualificada, de organização escolar e do trabalho pedagógico e da ação docente) ou nos estudos e investigações que procurem descrever, explicar, equacionar, criticar e propor alternativas para a educação especial (p. 9)

Compreendemos que a escola inclusiva deve ser um espaço de consenso, de tolerância para com os indivíduos considerados diferentes. O processo de inclusão tem sido amplamente discutido por pesquisadores da área de educação especial, entretanto, pouco se tem feito no sentido da aplicação prática, como também, das transformações estruturais no sistema educacional.

*“Qualquer tentativa de inclusão deve ser analisada e avaliada em seus mais diversos aspectos, a fim de termos a garantia de que esta será a melhor opção para o indivíduo que apresenta necessidades especiais”.* (CORREIA, 1997, p.45).

Conforme Batista (2006): *“Tais práticas educativas funcionam como um regulador da aprendizagem e estão baseadas nos propósitos e procedimentos de ensino que decidem ‘o que falta’ ao aluno de uma turma de escola comum”.*

Vygotsky (1998, 2004) afirma que a educação deve partir sempre de onde se encontra o educando e, progressivamente, estimular a aquisição de novos conhecimentos, ou seja, o professor é um mediador que se coloca numa situação de intersubjetividade com os educandos, numa relação horizontal de autonomia frente à condução do conhecimento, sem autoritarismo.

Assim, entende-se que a inclusão como imaginamos e idealizamos não é a mesma que vemos na prática. Para que a inclusão realmente aconteça são necessárias mudanças sociais, bem como um esforço mútuo de todos os profissionais da educação na busca pelo aprimoramento da prática educativa.

## 1.2- O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Neste capítulo refletiremos sobre como os professores e os profissionais da educação ainda resistem em aceitar o desafio colocado pelo processo de construção da escola inclusiva. Consideramos que para entender o papel do professor no processo de inclusão é importante considerar seu papel na educação e a sua formação diante do processo de inclusão.

Na educação, o papel do professor vai além da comunicação, pois é de acordo com o Gómez (1992) a chave do processo pedagógico e modelo a ser espelhado em diversas situações pelos alunos.

O professor é a chave do processo pedagógico e modelo a ser espelhado em diversas situações pelos alunos. Nesta dimensão, o processo de inclusão necessita de professores especializados para todos os alunos. Portanto, eles terão de voltar a estudar, a pesquisar, a refletir sobre suas práticas e a buscar metodologias inovadoras de ensino para esse fim. (GÓMEZ, 1992)

Correia (1997) afirma que, essa resistência é compreensível quando se analisa a falta de formação adequada para enfrentar esse desafio.

O processo de inclusão, por sua vez, necessita de professores especializados para todos os alunos. Portanto, eles terão de voltar a estudar, a pesquisar, a refletir sobre suas práticas e a buscar metodologias inovadoras de ensino para esse fim. (GÓMEZ, 1992)

Desta maneira é essencial que no planejamento de atividades, o professor escolha conteúdos e metodologias inovadoras e eficazes tendo como parâmetro especificidades sobre como cada aluno aprende e quais são seus anseios.

Perrenoud (1999) a esse respeito, oferece-nos a noção de competência como sendo *“uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”*.

Assim, fica evidente que, é preciso que o professor desenvolva competências que contribuam para que ele possa desenvolver os conteúdos e tomar as decisões adequadas a cada aluno, utilizando vários recursos cognitivos complementares, entre os quais, segundo Perrenoud (1999), estão os conhecimentos, que são representações da realidade, construídas e armazenadas ao sabor da experiência e formação do indivíduo.

Segundo o autor, o educador precisa ser confiante e humilde, ao mesmo tempo em que ensina, aprende a relativizar e a valorizar a diferença, aceitando todo o aprendizado como provisório. *“Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses”*. (MORIN, 2006, p16)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,2002), os professores das classes regulares precisam ser efetivamente capacitados para transformar sua prática educativa. A formação e a capacitação docente impõem-se como meta principal a ser alcançada na concretização do sistema educacional que inclua a todos, verdadeiramente.

### **1.3– CURRÍCULO ESCOLAR INCLUSIVO**

Facion, 2002, afirma que a escola, em toda a sua trajetória histórica não foi pensada para atender a desigualdade. Toda a sua estrutura e funcionamento regular é mais fácil ao considerar a semelhança do que com a diferença entre os alunos.

Incluir não é simplesmente levar uma criança com deficiência a frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a criança e para seus pais. Todo dia é um dia novo na inclusão (FACION, 2009)

Para o autor, essas atitudes discriminatórias persistem na sociedade devido à falta de informação, de experiência e até mesmo da convivência com o diferente. A resposta educativa à diversidade e a igualdade em educação são, sem dúvida, um dos desafios mais importantes da atualidade.

O currículo possui um caráter político e histórico e também constitui uma relação social, no sentido de que a produção de conhecimento nele envolvida se realiza por meio de uma relação entre pessoas (GOMES, 2006).

Conforme o Parecer CNE/CEB nº. 17/2001:

O currículo, em qualquer processo de escolarização, transforma-se na síntese básica da educação. Isto nos possibilita afirmar que a busca da construção curricular deve ser entendida como aquela garantida na própria LDBEN, complementada, quando necessário, com atividades que possibilitem ao aluno que apresenta necessidades educacionais especiais ter acesso ao ensino, à cultura, ao exercício da cidadania e à inserção social produtiva. (BRASIL, 2001a, p.27).

Neste sentido, conforme observa Carvalho (1999), as adaptações organizacionais dizem respeito ao tipo de agrupamento de alunos para realizar atividades de ensino e aprendizagem, à organização didática da aula e à organização dos períodos definidos para o desenvolvimento das atividades previstas.

É importante, nessa perspectiva, que o currículo seja organizado sempre de maneira a envolver professor-aluno, escola-comunidade, ensino-aprendizagem e, fundamentalmente, se preocupe com as questões da diversidade e não apenas um simples processo de transmissão de conhecimentos e conteúdos.

Uma escola inclusiva deve apresentar um currículo aberto e mais flexível, e com objetivos bem definidos como uma ferramenta para promover o desenvolvimento. No que se refere à diversidade são essenciais modificações curriculares, envolvendo objetivos, conteúdos e procedimentos que propiciem o avanço no processo educacional.

Sabemos que a inclusão não representa simplesmente transferir o aluno da escola especial para a escola regular, pois, ela requer uma mudança na mente e nos valores, para as escolas e para a sociedade em geral, porque subjacente à sua filosofia está a celebração da diversidade.

A verdadeira transformação da escola acontecerá quando realmente criarmos condições para que todos os alunos possam atuar efetivamente nesse espaço educativo, sendo que as aprendizagens deverão promover ações que objetivem contribuir no desenvolvimento das capacidades do aluno com deficiência intelectual significativa, estabelecendo alguns limites em relação ao seu comportamento. Isso significa que o currículo deve ser abrangente e dinâmico oferecendo ao educando conhecimento compatível com a sua dificuldade, observando as adaptações curriculares que se fazem necessárias.

#### **1.4- PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Enfatizaremos neste capítulo a escola e a família como instituições que surgem, com o objetivo de cuidar das crianças.

Conforme Nogueira (2002), apesar da legislação ser ampla quanto à inclusão da família no contexto escolar e de algumas iniciativas de aproximá-la tenham obtido bons resultados, estes não tem sido suficientes para superar a distância entre a família e escola.

Faz-se necessário que a família construa conhecimentos sobre as necessidades especiais de seus filhos, bem como, desenvolva competências de gerenciamento do conjunto dessas necessidades e potencialidades.

A família precisa construir padrões cooperativos e coletivos de enfrentamento dos sentimentos, de análise das necessidades de cada membro e do grupo como um todo, de

tomada de decisões, de busca dos recursos e serviços para seu bem estar e uma vida de boa qualidade.

Nessa reflexão Pacheco (2007) manifesta que é preciso que a família e a escola estejam preparadas para iniciar e perseverar o processo de inclusão, pois todo esse processo vai além de receber o aluno uma vez que ele precisa de atendimento e de continuação no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Paiva (2002) no processo de desenvolvimento humano, a escola e a família são fundamentais para a transmissão da cultura e o processo educativo das pessoas e o professor, nessa perspectiva, deve assumir o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem e buscar estratégias para incluir o aluno com deficiências em salas regulares.

## **1.5-DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

A inclusão de alunos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino, na verdade, já era prevista na Constituição da República (1988) e foi preconizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 9.394 (1996).

Além disso, as diretrizes do MEC, na sua Política da Educação Especial (MEC/SEELP, 1994) indicavam como prioridade dar apoio ao sistema regular de ensino para inserção dos alunos com deficiência, priorizando o financiamento de projetos institucionais voltados para ações inclusivas, o que é reiterado nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial, na Educação Básica (GLAT e NOGUEIRA, 2002).

A Lei n°. 9.394/96 estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. De acordo com o artigo 59:

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins,

bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

A seguinte conceituação operacional é proposta pela AADID sobre deficiência intelectual:

A deficiência intelectual é caracterizada pela limitação significativa tanto no funcionamento intelectual como no comportamento adaptativo que se expressam nas habilidades conceituais, sociais e práticas. A deficiência origina-se antes dos 18 anos de idade. (AAIDD, 2010, p. 1)

Na maioria das vezes, a deficiência intelectual constitui um desafio para a escola comum e para o seu atendimento especializado, pela complexidade do seu conceito e pela grande quantidade e variedades de abordagens.

A entrada do aluno com deficiência intelectual na escola regular, numa perspectiva inclusiva, proporciona um momento diferenciado para a educação brasileira, na medida em que possibilitam um processo de criação pedagógica, na busca de novos procedimentos de ensino, novas estratégias metodológicas capazes de atingirem o potencial de cada um dos alunos, respeitando suas diferenças e levando-os a inserção no mundo cultural.

Para Vygotsky (1997), há potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência, mas entende que, para estas poderem desenvolvê-las, devem ser lhes oferecidas condições materiais e instrumentais adequadas. Com isso, deve-se oferecer a tais pessoas uma educação que lhes oportunize a apropriação da cultura histórica e socialmente construída, para melhores possibilidades de desenvolvimento.

Acerca do tema Deficiência Intelectual cabe destacar que “É preciso ter uma visão positiva da deficiência, pois uma criança com deficiência não é uma criança defeituosa”. (VIGOTSKY, 1995).

A ONU classifica as causas da deficiência intelectual da seguinte maneira:

Cada criança é um ser único, as crianças com deficiência intelectual merecem um olhar individualizado levando-se em consideração suas limitações, suas necessidades, mas não somente o que ainda não consegue realizar com autonomia, mas levar em consideração a bagagem que essas crianças possuem e o que já possuem de autonomia para realizar sozinhas. Todas as pessoas possuem algo que já realizam, deficientes ou não. O D.I. necessita sim de apoio pedagógico, de atenção especializada, de adequações curriculares, mas não podemos esquecer que eles



possuem capacidades, e o que eles mais necessitam além das intervenções, é que, nós acreditemos neles.

A deficiência intelectual enfrenta barreiras e tem um longo caminho a percorrer, mas o importante é que a escola seja um local onde as diferenças enriqueçam o trabalho, onde os limites e possibilidades de cada um sejam respeitados e valorizados.

Sabemos que para o deficiente intelectual ter sucesso em seu processo ensino-aprendizagem deve ser estimulado, amado, aceito e tratado com igualdade, sendo que o professor deve ser o mediador de suas aprendizagens, pois apesar de levar mais tempo para aprender é capaz de adquirir habilidades intelectuais e sociais. Assim, este projeto de pesquisa abrange determinados objetivos que nos faz refletir sobre o trabalho e a interação educacional.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1- OBJETIVO GERAL**

Refletir sobre o trabalho educacional referente à deficiência intelectual, suas características, diagnóstico e estratégias de suporte pedagógico e de inclusão a fim de construir diferentes possibilidades de trabalho desenvolvido em parceria entre escola e família.

### **2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar as diferentes possibilidades de trabalho desenvolvido em parceria entre escola e família do aluno com deficiência intelectual.
- Analisar a interação do professor com o aluno com deficiência intelectual frente à inclusão em classe regular de ensino.

## **3. METODOLOGIA**

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que objetiva refletir sobre o trabalho educacional referente à deficiência intelectual, suas características e estratégias de suporte pedagógico e de inclusão. Neste capítulo apresentaremos os caminhos metodológicos construídos para alcance desses objetivos.

### **3.1- CONTEXTO DA PESQUISA**

O estudo foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino de Colina, que funciona em dois turnos e oferece ensino fundamental de anos iniciais (1º ao 5º ano). As informações construídas a respeito dessa escola foram acessadas por meio de observação e da análise das fichas de matrículas dos alunos da escola.

É importante destacar que na referida escola há uma sala de Atendimento Educacional Especializado com professora especializada e estruturada com equipamentos específicos para as deficiências.

A escola atende a clientela do próprio bairro aonde se situa, de bairros próximos e da zona rural. De acordo com a ficha de matrícula dos alunos os pais trabalham no comércio local, na agricultura e no pequeno setor industrial existente na cidade (Usina de cana-de-açúcar e Indústria de Suco de Laranja). Há também funcionários públicos que trabalham exercendo funções na área da saúde, educação, prestação de serviço e pequenos comerciantes. As fichas indicam que esses pais são pessoas que, com relação à formação educacional, vão desde o analfabeto sem instrução formal, à formação de nível superior. As fichas indicam que esses pais são pessoas que, com relação à formação educacional, vão desde o analfabeto sem instrução formal, à formação de nível superior.

### **3.2- PARTICIPANTES**

Foram participantes da pesquisa 01 professora da sala regular do 3º ano do Ensino Fundamental e 01 professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiências.

Os critérios de escolha para participação neste estudo foram: ser professora, atuar no Ensino Fundamental Anos Iniciais, ter aluno com deficiência intelectual incluídos em sua classe e ter interesse em participar da pesquisa.

### **3.3- INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES**

A pesquisa teve como objetivo refletir sobre o trabalho educacional estruturado e voltado para promover a inclusão escolar de criança com deficiência intelectual. Utilizou-se a entrevista como forma de entender tanto o processo inclusivo do aluno com deficiência intelectual na escola comum, como também, a importância da interação do professor com o aluno que apresenta deficiência intelectual.

A professora do AEE é efetiva e trabalha há 18 anos com alfabetização de alunos com deficiência intelectual. A professora da classe regular, por outro lado, também é efetiva há 18 anos, mas segundo ela, possui pouco conhecimento sobre educação inclusiva.

A entrevista foi realizada com a professora da sala do AEE, com um roteiro de perguntas abertas e flexíveis proporcionando maior liberdade de expressão. O roteiro composto pelas seguintes questões:

1. Apresente-se
2. O que você sabe sobre inclusão?
3. Como você acredita que deve ser o atendimento do aluno com deficiência?
4. Temos muitos ideais e sonhos em relação ao seu aluno, qual é o sonho?
5. Em sua prática de sala de aula, o que você faz?
6. Tem dado certo?

Esta entrevista foi realizada na sala de aula durante o período escolar e conduziu a construção de informações que possibilitaram compreender como se desenvolve o trabalho pedagógico do professor que atende o aluno com deficiência intelectual na escola regular de ensino e como a escola pode envolver a família nesse processo, tornando uma experiência construtiva e produtiva.

Em seguida realizou-se a observação em sala de aula, o que foi de suma importância, para se conhecer a professora diante da classe e suas estratégias de ensino.

### **3.4- ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES**

As falas da entrevista e as informações construídas por meio observações foram organizadas de acordo com os objetivos do estudo e analisadas a partir do referencial teórico.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA**

Os resultados da pesquisa trouxeram dados e confirmações relevantes sobre as práticas pedagógicas utilizadas pela professora da rede regular de ensino diante do processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual, bem como dificuldades encontradas no processo de escolarização deste aluno e o apoio do atendimento educacional especializado.

A professora do AEE acredita que busca atender todos os alunos de modo diversificado, trabalhando com materiais e estratégias de ensino diferenciadas por meio de uma prática educacional condizente com os princípios inclusivos, fazendo da escola um espaço democrático, onde todos possuem o mesmo direito. Afirma que busca uma metodologia diversificada e eficiente para que haja interação em sala, obtendo-se resultados significativos.

De acordo com a observação realizada dentro da sala de aula são usados recursos visuais diferenciados como: leituras e vídeos diversificados e adaptados, jogos, blocos lógicos, caça-palavras, alfabeto móvel, dentre outros. De acordo com a professora, isso acontece com o objetivo de proporcionar melhor entendimento dos conteúdos explanados no decorrer das aulas.

Os alunos com deficiência podem alcançar o mesmo grau de desenvolvimento que os outros alunos, porém por outras vias. O que é necessário é que o professor ou o responsável pela educação, conheça estes caminhos e atue em sua prática pedagógica de maneira a estimular o processo de conhecimentos destes alunos.

A professora da sala do AEE entrevistada comenta que a elaboração do seu planejamento é individual, primeiramente identifica as necessidades e habilidades específicas de cada aluno, definindo os recursos necessários para o seu atendimento e as atividades a serem desenvolvidas e utiliza também o computador em seus atendimentos, pois reconhece que o aluno possui afinidade pela máquina, conduzindo a aprendizagem de forma diferenciada da realizada em sala de aula regular.

Primeiramente, porque a criança com atraso mental depende tanto em sua experiência das impressões concretas visuais e desenvolve tão pouco por sua própria conta o pensamento abstrato, a escola deve libertá-la do excesso do método visual-direto que serve de obstáculo ao desenvolvimento do pensamento abstrato e educar

esses processos. Dito de outra forma, a escola não só deve adaptar-se às insuficiências dessa criança, senão também lutar contra elas, superá-las. (VYGOTSKI, 1997, p.36).

O autor ressalta a organização didática da escola que deve se adaptar ao aluno com deficiência intelectual no sentido de promover atividades pedagógicas que estimulem a formação do pensamento abstrato (isto é, das funções superiores que, segundo Vigotsky, são as culturais).

De acordo com a observação foi possível perceber o envolvimento da professora da classe comum para atender as necessidades educacionais do aluno, sua preocupação com a promoção da interação com os colegas no momento da realização das atividades. De acordo com ela, para planejar suas atividades considera necessário saber a história de vida, a individualidade, os desejos e a diferença de seus alunos.

O professor da classe comum comentou que aprende na convivência diária com o aluno e destaca como fator de extrema importância para o desenvolvimento de seus alunos sua interação com os demais integrantes da escola.

Segundo Vygotsky (1998) a interação professor-aluno ou entre os próprios alunos contribui significativamente para o desenvolvimento dos educandos, uma vez que esse desenvolvimento depende de uma base social, ou seja, o sujeito desenvolve-se primeiramente a partir de um contexto interpsicológico (social), passando a um contexto intrapsicológico, de auto-regulação, por meio, exclusivamente das interações realizadas.

De acordo com este pensamento e realizando a observação na sala de aula verifica-se que a socialização e o envolvimento entre todos os alunos é fundamental para que haja uma aprendizagem inclusiva superando desta forma as barreiras existentes.

Tacca (2006, p.49) a esse respeito afirma que,

Não é possível pensar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo não seja o processo dialógico. Entende-se que a participação ativa em sala não está na sequência das ações empreendidas, mas na possibilidade de as pessoas que compartilham esse espaço expressarem seus pensamentos e ouvirem a comunicação do outro, tendo em vista uma construção conjunta de conhecimento.

O aluno não constrói significados sozinho, mas, em uma situação interativa, na qual os docentes têm um papel essencial, já que qualquer coisa que façam ou deixem de fazer é determinante para que o aluno aprenda ou não de forma significativa. (MEC, 2003, p.161)

Durante a observação verifica-se que as professoras trabalham em conjunto para garantir a inclusão dos alunos. Uma informa o conteúdo que irá trabalhar e as suas dificuldades e a outra pensa nos materiais alternativos a serem usados na aula traçando objetivos de acordo com o que cada um sabe desenvolvendo meios que o ajuda acompanhar o grupo. Percebe-se que a troca de informações é diária e quando surgem dúvidas uma auxilia a outra.

Para Briante e Oliver (2012)

A educação inclusiva ainda faz parte de uma nova modalidade de ensino, perante a qual, os professores trazem uma série de angústias e muitas vezes, sentem-se impotentes e incapazes em lidar com essa nova realidade, o que é ocasionado devido à falta de formação e informação do professor para lidar com a diversidade escolar.

Sendo assim, a utilização de estratégias de acessibilidade e práticas pedagógicas diferenciadas, é sem dúvida uma forma de das condições de aprendizagem para as pessoas com deficiência intelectual.

## **5.- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola para incluir alunos com deficiência deve reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, com ritmos diferentes de aprendizagem e assegurar uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino diferentes, uso de recursos adequados e incentivar as parcerias com a comunidade.

Assim, é essencial para que a inclusão seja verdadeiramente concretizada de maneira eficaz, coerente, dinâmica e participativa. Essas mudanças são fundamentais para inclusão, mas exige esforço de todos, possibilitando que a escola possa ser vista como um ambiente de construção de conhecimento e de cooperação.

Vygotsky (1998, 2004) afirma que a educação deve partir sempre de onde se encontra o educando e, progressivamente, estimular a aquisição de novos conhecimentos, ou seja, o professor é um mediador que se coloca numa situação de intersubjetividade com os

educandos, numa relação horizontal de autonomia frente à condução do conhecimento, sem autoritarismo.

Portanto de acordo com o projeto de pesquisa, fica evidente que a educação deverá ter um caráter amplo e dinâmico, favorecendo a construção ao longo da vida para todo aluno, independente das dificuldades, favorecendo assim, o processo de inclusão e demonstrando que cada um tem um jeito de apropriar-se do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, C. R. (2006). Educação especial e o medo do outro: "Attento al segnalati!". In C. R. Batista (Ed.), *Inclusão e escolarização: Múltiplas perspectivas* (pp. 17-29). Porto Alegre: Mediação.

BRIANTE, M. E.; OLIVER, F. C. A Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: Conhecendo estratégias e ações. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Vol. 18, n °1, 2012.

BUENO, J. G. S. *Revista Brasileira de Educação Especial*, vol. 3. n°5, 1999.

CARVALHO, E. N. S. Adaptações curriculares: uma necessidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. *Salto para o Futuro: educação Especial:tendências atuais*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999, p.51-57.

CARVALHO, Erenice Natália Soares de. *Concepção de deficiência intelectual segundo a Associação Americana de deficiências intelectual e do desenvolvimento -A ADID2010*

CORREIA, L. M. *Alunos com necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora, 1ª. Edição, 1997

FACION, J. R. *Inclusão escolar e suas implicações*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008

GOMES, H. T.; BORGES, M. H. P. T.; SANTOS, M. C.; TROMPIERI, N. C.; CUNHA, V. V.; SILVA, D. N. H. Formação de conceitos, deficiência mental e escolaridade: Focalizando a mediação pedagógica a partir da perspectiva histórico-cultural. In: XIV ENDIPE. Porto Alegre, 2008.

GÓMEZ, A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (org). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GOMES, C. & BARBOSA, A. J. G. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Universidade Estadual Paulista, v.12, n° 1, pp. 85-100, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 1996.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. Educação (PUC/RS), Porto Alegre / RS, v. XXIX, 2006.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2006

NOGUEIRA, Raimundo Augusto. Mudanças na sociedade contemporânea. São Paulo: Mundo Jovem, v. 1, nº123, fev.2002

PACHECO, J. (org.). Caminhos para inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2007

PERRENOUD, P. Construir as competências desde escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Plano Nacional da Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1985.

VEIGAS, Conceição de Maria Corrêa. Educação Profissional: indicações para a ação: interface educação profissional/ educação especial. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de Defectologia. Obras Completas –Tomo Cinco: Havana,Cuba: Editorial Pueblo y Educacion.

VYGOTSKY, LEV S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, LEV S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



## ANEXO

### ROTEIRO DA ENTREVISTA FEITA COM A PROFESSORA

#### IDENTIFICAÇÃO DA PROFESSORA ENTREVISTADA

Nome:

Formação Acadêmica:

Tempo de Atuação no Magistério:

Tipo de deficiência atendido:

Série em que atua:

Cargo em que atua:

Transcrição da entrevista realizada.

M: Sou Mariângela Capucci Paro aluna do Curso de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar e estou com a professora efetiva da educação especial.

M: Bom Dia, professora. Tudo bem?

C: Bom Dia, Mariângela. Tudo bem.

M: 1- Apresente-se, por favor.

C: Bom Dia, Mariângela. Sou formada em nível superior completo em educação especial a mais ou menos 18 anos e dou aula na Sala de Atendimento Especializado. Fiz Pós graduação em Deficiência Intelectual, Educação Especial e também psicopedagogia. Gosto muito de trabalhar na sala de atendimento especializado porque acredito no potencial de cada aluno e sei que cada um aprende com o decorrer de sua vida e que devemos respeitar as diferenças existentes porque cada um é cada um.

M: É isso mesmo professora cada aluno tem o seu potencial e o seu momento de aprendizado e então nós temos que respeitar.

M: 2-O que você sabe sobre inclusão?

C: O que eu sei sobre inclusão? A inclusão está aí e temos que mudar nossa prática educacional. Acredito que a inclusão veio para reconhecer o outro e para termos o privilégio de conviver e aprender com pessoas diferentes de nós. Com cada aluno estou aprendendo

...aprendendo a cada dia porque na faculdade temos a base mas na prática sabemos que é muito diferente.

M: É verdade cada um tem sua forma de aprender a faculdade nós dá um alicerce mas na prática convivemos com muitas diferenças.

M:3-Como você acredita que deve ser o atendimento do aluno com deficiência na escola?

C: Como eu acredito? Bom ...o atendimento do aluno com deficiência deve ser tratado na escola com muito amor... carinho porque este aluno precisa de amor, de estímulo e de ajuda.

M:4-Em nossa vida nós temos muitos ideais e sonhos em relação ao seu aluno qual é o seu sonho, o sonho que você tem enquanto educadora?

C: Meu sonho? Bom ... Enquanto educadora temos muitos sonhos, mas um sonho que merece reconhecimento é o respeito às diferenças porque acredito que a escola está equipada e adequada para receber os alunos com deficiência intelectual, mas ainda encontramos em seu entorno pessoas despreparadas para isso.

M: É isso mesmo.

M:5-Em sua prática de sala de aula o que você faz e o que tem dado certo com toda esta sua experiência?

C: O que tem dado certo? Bom... Eu utilizo o computador na sala de aula porque percebo a afinidade do aluno com a máquina, então desenvolvo atividade por meio dos jogos pedagógicos e educativos. Acredito no potencial dos alunos apesar de suas dificuldades. Também trabalho com o alfabeto móvel e com brinquedos de encaixe para facilitar sua interação com os colegas.

M:6-Tudo isso tem dado certo?

C: Sim e como...

C: Percebo que o aluno com deficiência intelectual gosta de manusear o computador e interage bem com os seus amigos.

C:Algumas vezes percebo que vem nervoso ele vem nervoso de casa então tento acalmá-lo para conseguir desenvolver as atividades do dia. Converso muito com os pais porque preciso desta conversa para conseguir interagir com ele e entender as causas de seu nervosismo.

M: Sabemos que a união da família com a escola é de suma importância para o aprendizado dos alunos porque a escola sozinha não consegue nada nós precisamos desta união para melhorar cada dia mais a nossa educação Professora agradeço sua atenção. Muito Obrigada. Imagina obrigada eu.